



PREFEITURA DE
CAMPOS

SECRETARIA MUNICIPAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA
E TECNOLOGIA

 Mais
Ciência

AS RUÍNAS E OS CACOS: REMEMORANDO OS 50 ANOS DO GOLPE MILITAR EM CAMPOS DOS GOYTACAZES

Orientador: Débora El-Jaick Andrade
Bolsista: João Damaceno de Almeida Neto

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
2022/2023



SUMÁRIO

RESUMO	3
INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA	4
MATERIAIS E MÉTODOS.....	6
RESULTADOS E DISCUSSÃO	7
CONSIDERAÇÕES FINAIS	14

RESUMO

O presente projeto consiste em realizar entrevistas ou examinar entrevistas já realizadas no projeto do Propet História (2014-2015) As ruínas e os cacos: rememorando os 50 anos do golpe militar em Campos dos Goytacazes com personagens da história recente campista que foram partícipes da história do período que antecedeu o golpe civil militar e a ditadura. Através dessa pesquisa pretendemos explicar a inserção do município na história nacional em uma época de conflitos políticos, repressão e organização popular. Há um silêncio em relação a esta história de organização, repressão e resistência nos anos 1960 - 1970 até mesmo no período de redemocratização, que a pesquisa visa preencher através de um trabalho de rememoração de indivíduos que participaram desses movimentos de massa e da memória das pessoas comuns sobre este período.

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Em 2014 e 2015 um grupo de discentes coordenado pela orientadora, participantes do Programa de educação tutorial do curso de História empreendeu uma pesquisa no âmbito dos eventos que debateram os 50 anos do golpe civil militar de 1964. Esta pesquisa intitulada As ruínas e os cacôs: rememorando os 50 anos do golpe militar em Campos dos Goytacazes também se converteu em projeto de extensão. O projeto consistia em realizar entrevistas com personalidades da cidade de Campos dos Goytacazes que testemunharam o período que antecedeu e compreendeu o golpe de 1964, o período da ditadura 1964-1985 e a democratização. As entrevistas foram realizadas com o ex-prefeito de Campos em 1964 Rockfeller Felisberto de Lima, Geraldo Gamboa, sambista ex-morador de Campos falecido em 2016, os sindicalistas Fernando Machado e Delso Gomes, já falecidos, este último escritor da obra História do Partido Comunista em Campos e Tânia Barbeta, filha de Jacyr Barbeta.

Como tantos os aspectos da história campista, este objeto possui escassas referências bibliográficas e pesquisas; a memória oficial consolidada da cidade não alude ao período ditatorial e obscurece a luta dos segmentos e personagens que não se resignaram a propaganda anti comunista e a repressão do aparato burocrático do estado. Trabalhadores em pleno processo de organização sindical no início dos anos 60, estudantes, camponeses, oficiais das forças armadas, a classe média liberal e seus representantes na sociedade política foram perseguidos, censurados ou exonerados, com apoio de uma imprensa que, como aquela da capital, era ferrenhamente anti comunista e antijanguista. Talvez o caso campista siga o exemplo do que ocorreu à nível nacional, em decorrência da Anistia e necessidade e construir um consenso e apaziguamento com a democratização, até a Comissão da Verdade (2014) trouxe à tona crimes perpetrados pelo Estado, revelou uma verdade incômoda, de que os culpados nunca foram responsabilizados. A CNV explicitou que as dissonâncias eram intransponíveis entre as vítimas e perpetradores. As homenagens aos agentes perpetradores de torturas e censura ainda estavam lá, intocadas, em nomes de prédios, ruas, viadutos, cidades, pontes, na memória da própria instituição militar. Por décadas

após a redemocratização continuou-se a se ignorar ou mal compreender este período. Perpetua-se a imagem da sociedade campista como município dominado pelas oligarquias econômicas e políticas, sustentada pela monocultura açucareira, marcada pela escravidão e pelo clientelismo e conservadorismo. O grande inconveniente desta versão da história é que ela descarta centenas de anos de lutas emancipadoras e por direitos que permanecem nebulosas e subterrâneas na memória social que vigoram e que narra a trajetória da cidade. Com o intuito de esclarecer melhor este período e os problemas aqui suscitados, propomos a continuidade da tarefa assumida pelo grupo do Propet, com a avaliação e análise dos materiais por ele deixados, haja visto que os estudantes do grupo original já se graduaram. Como resultado das primeiras pesquisas iniciadas temos uma pesquisa de iniciação científica Um “diabo loiro” no comando da Leopoldina: atividade do sindicato dos ferroviários em Campos dos Goytacazes sob a liderança de Jacyr Barbeta de Mariana Christo, um trabalho de final de curso (TCC) de Juliana Azevedo Nas cinzas de Cambaíba, um trabalho de final de curso (TCC), um trabalho de história oral sobre a utilização da usina para eliminar os restos mortais de militantes hostis ao regime, e o artigo de final de curso intitulado Geraldo Gamboa: Samba e resistência cultural à Ditadura Militar em Campos dos Goytacazes(1970-1980) de Carlos Augusto da Conceição Júnior, sobre a trajetória de um sambista nonagenário da cidade. Mariana Christo explorou muito bem principalmente a documentação do dossiê de Jacyr Barbeta do Arquivo do Departamento de Ordem Social e Política. Neste projeto procurou-se demonstrar a atuação do Sindicato dos Ferroviários campistas no cenário do pré-golpe de 1964 até o período de redemocratização. Em um primeiro momento, a pesquisa se dedicou a discutir a importância da história Oral e Local e da dificuldade que o historiador encontra em realizá-la. Tratou-se do que foi, em geral, a atuação dos sindicatos neste período a partir de leituras feitas principalmente dos trabalhos de Marcelo Badaró Mattos sobre o sindicalismo carioca. Em seguida, se reconstituiu a trajetória de Jacyr Barbeta, ex-ferroviário, delegado do sindicato, militante do partido comunista e vereador cassado em 1964, que era peça fundamental para toda a articulação sindical do município, a partir das análises feitas em documentos do Departamento de Polícia Política e Social (DPPS), depoimentos do ex-ferroviário

Fernando Tavares Machado, de Delso Gomes e de Tânia Barbeto, filha de Jacyr Barbeto, que também foi vereador, cassado em 1964. Baseando-se em grande parte na leitura do livro “História do Partido Comunista em Campos, Memórias de um Partido Revolucionário”, escrito por Delso Gomes, militante do Partido Comunista e rodoviário atuante no período, mostra-se que o Sindicato dos Ferroviários da Leopoldina era um dos mais fortes no município neste momento, um dos que mais realizava greves, manifestações, e pedidos de melhorias nas condições de trabalho. Considerado como “testa de ferro” do comunismo em Campos, Barbeto também era denominado de “diabo loiro”, e altamente subversivo para a polícia do “regime revolucionário” e sua atuação no Sindicato dos Ferroviários está intimamente ligada à sua vida política. Agora estamos desenvolvendo um projeto coletivo (cada aluno vai pesquisar um tema, objeto e recorte dentro desta proposta) chamado Como as sociedades lidam com seu passado: vicissitudes de Clio no limiar do século XXI . Dentro desta proposta retomaremos a pesquisa sobre a história local, articulando o local, regional e o nacional e buscar integrar as entrevistas em uma narrativa mais abrangente sobre a história da cidade neste período, enfocando a história dos trabalhadores, considerando questões de classe e de raça, organizando o material de entrevistas já realizadas e fazendo novas entrevistas quando necessário e focando na relação e imbricação entre sociedade civil e sociedade política.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trazer essas memórias subterrâneas à tona e evidenciar que elas estão em disputa, estabelecendo que as lutas recentes pela terra, por trabalho, por direitos trabalhistas e sociais têm relação com lutas sociais anteriores e é atribuição tanto das organizações da sociedade civil, quanto da universidade. Debater a relação entre memória e história é terreno dos historiadores e compromisso da história como disciplina desde pelo menos o último século. O historiador pode retificar monumentos ligados e edificados pelo poder, ou desconstruí-los e revelá-los, tornando evidente as

ligações com o Estado e classes dominantes de um tipo de memória que assume forma material e colabora para a passividade e a dominação de classe. A perspectiva de Walter Benjamin, a corrente historiográfica historicista ligada aos vencedores, lega à posteridade os eventos ligados à sua trajetória de classe enquanto história, desprezando os eventos relacionados às lutas das classes subalternas, que como estilhaços aparecem desconexos. Estes fragmentos fixados esporadicamente na memória têm um potencial riquíssimo no sentido de reconstituir e dar voz às lutas populares do presente. Estas memórias permanecem, como observa Michel Pollack como subterrâneas, e apenas um trabalho de memória pode revelá-los e cabe ao historiador problematizá-los. Como nota Enzo Traverso, memória e história tratam de instâncias diferentes, mas intercambiáveis da realidade. A confusão entre elas, produz a consolidação de mitos e histórias oficiais que precisam sempre ser contestadas e desconstruídas no sentido de esmiuçar e clarificar o cenário da luta de classes e dos conflitos engendrados pelas sociedades desiguais e segregadoras. Empreendemos uma discussão de textos sobre memória e sobre historiografia para subsidiar a metodologia da história oral. Autores como Eclea Bosi, Alessandro Portelli, José Carlos Sebe B. Meihy. A realização de entrevistas com questionário aberto e com a participação de membros do grupo, aludindo a participação e atuação política dos personagens entrevistados no presente. Também pressupõe pesquisa na bibliografia de apoio, na imprensa Campista (o monitor Campista), na hemeroteca da Biblioteca Nacional, no Dicionário Histórico Biobibliográfico Brasileiro do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas e no Arquivo Público do Estado a partir dos nomes que forem sendo arrolados nas entrevistas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo como seu objetivo promover o ato de rememoração do passado Campista em meio o contexto da ditadura militar, trazendo à tona as memórias subterrâneas a fim de evidenciar que elas estão em disputa, ao longo das páginas que se seguem o presente trabalho buscou analisar através da realização e do exame de entrevistas com

os sujeitos históricos que foram partícipes de tal período, as diferentes posições e entendimento do que estava posto na realidade concreta durante o golpe civil militar a partir da experiência local de Campos dos Goytacazes. Assim, ao examinar as entrevistas realizadas pela equipe do Propet com importantes figuras da história de Campos como: Rockefeller Felisberto de Lima e Geraldo Gamboa pode se estabelecer um visível contraste de diferentes visões sobre o período.

Ao longo da entrevista de Rockefeller Felisberto de Lima (1935-2022) ao Projeto do Propet História (2014-2015) em um primeiro momento, Rockefeller falou sobre os precedentes de sua vida política e de sua jornada formativa até o início de sua vida pública. Assim, o entrevistado buscou salientar por suas próprias palavras um pouco de sua biografia.

Quem é você senhor Rockefeller ? Eu sou um lutador de origem humilde e nasci no interior de Campos. Meus pais eram funcionários da usina de meneiros e trabalhavam em uma propriedade rural da usina no sétimo distrito de Campos, foi onde eu nasci, em uma família numerosa, vivendo no interior até meus 20 anos¹.

Desta forma, Rockefeller pontua no início da entrevista como foi ter nascido em uma família numerosa no sétimo distrito de Campos, em um período em que não havia assistência médica condizente com as necessidades sociais básicas e que estudar era um privilégio de poucos. O que só foi possível em sua vida graças ao apoio de um amigo da família que lhe ajudou com uma bolsa para concluir sua formação escolar no colégio interno de São Salvador, em Campos. Ao terminar seus estudos, iniciou o curso de direito na Faculdade de Direito de Vitória (ES) onde iniciou sua participação na política estudantil, tendo sido diretor do Centro Acadêmico Clóvis Bevilácqua e ao concluir o curso, deu início a sua vida política em Campos ocupando o cargo de vereador pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) em 1958.

¹ Entrevista cedida por Rockefeller Felisberto em 27 de Setembro de 2014.

Já na década de 1960 afirmou que por conta do desejo do grupo político ao qual pertencia, se candidatou ao cargo de vice-prefeito que na época era eleito separadamente do cargo de prefeito.

O prefeito que eu apoiei quando fui candidato a vereador foi o doutor José Alves de Azevedo de quem eu fui líder na Câmara. Então, após esse primeiro mandato, terminado o mandato, o grupo político ao qual eu pertencia queria que eu fosse candidato a outro cargo e não repetisse a vereação, me aproveitar para outra atividade. Então eu fui e passei a ser candidato a vice-prefeito, e vice-prefeito não é como hoje que é vinculado ao prefeito, como o vice governador é vinculado ao governador e o vice presidente da república ao presidente. Nesse período, na década de 1960 o vice prefeito era eleito pelo voto. [...] Eu fui candidato a vice apoiando um candidato a prefeito que foi o Zezé Barbosa. Mas aconteceu um fato meio constrangedor pra mim, porque eu ganhei para vice prefeito e ele perdeu para prefeito, quem ganhou para prefeito, o prefeito mais votado foi o doutor Barcelos Martins, que ganhou a eleição com uma diferença de 24 votos só decidido na última urna. Foi a eleição mais empolgante da história política de Campos².

Contudo, após sua eleição ao cargo de vice-prefeito e com a morte do então prefeito eleito Dr. Barcelos Martins, em 11 de Abril de 1964, Rockefeller assume a prefeitura no contexto em que passa a vigorar a Ditadura Militar. Neste momento da entrevista, o entrevistado passa então a ressaltar os demais cargos que ocupou ao longo de sua carreira política. Já em um segundo momento, após falar sobre sua trajetória pela vida pública, Rockefeller ao responder uma das perguntas passa a falar sobre aquilo que o mesmo chamou de “interferência militar”. Segundo o mesmo, o Brasil estava vivendo um momento político de instabilidade quando o presidente João Goulart (Jango) teria sido afastado e os militares assumiram o comando do país.

² Entrevista cedida por Rockefeller Felisberto em 27 de Setembro de 2014.

Neste ponto, Rockefeller busca demonstrar a partir do seu ponto de vista que essa dita interferência militar é o resultado de um processo de lutas políticas que teria se iniciado com o fim do governo de Getúlio Vargas e que na década de 1960 encontrou seu clímax onde a pressão foi tão grande que o presidente foi destituído do poder e os militares assumiram o governo.

O Brasil estava vivendo um clima político de instabilidade quando o presidente da república foi afastado e os militares assumiram o comando do país. Mas por que houve essa interferência militar? Porque com a redemocratização do Brasil em 1945 [...] em razão disso, quer dizer, essas divisões essas lutas políticas que acabaram acontecendo a partir de 1930 começou a criar problema até com a presidência de João Goulart (Jango) e aí o Jango não teve outra solução e a pressão foi tão grande que ele foi destituído do governo e os militares assumiram. [...] Mas a influência ou interferência deles na política do Município era de solidariedade. No meu caso, por exemplo, eu só tive solidariedade das autoridades militares e ao contrário, não houve essa coisa de perseguir. O que eu conversava com os militares, e tive um bom relacionamento inclusive nos dois períodos que eu fui prefeito, já eram presidente da república os militares. E um deles, era o presidente Medici, que era considerado um casca grossa³.

Ademais, outro ponto destacado diz respeito a interferência dos militares na política do município, o que segundo Rockefeller, no caso da sua experiência na prefeitura de campos, essa relação foi de solidariedade por parte dos militares. Rockefeller afirmou que durante os dois períodos que foi prefeito, teve um bom relacionamento com os militares que já estavam no poder. Desta forma, segundo o mesmo, em termos administrativos não houve qualquer tipo de interferência militar. No seu ponto de vista, é um erro desmoralizar as forças armadas, por conta de alguns setores militares, uma vez que esta representa a segurança da nação e que devem ser respeitados.

³ Entrevista cedida por Rockefeller Felisberto em 27 de Setembro de 2014.

Justamente por isso, Rockefeller classifica em suas palavras como “papo furado” esse discurso que condena a época dos militares como um período marcado pela perseguição política. Uma vez que, segundo Rockefeller, não há nenhum campista que foi preso ou morto injustamente pelos militares. Na verdade, Rockefeller afirma que no Regime Militar o número de partidos foi limitado em apenas dois (ARENA) e (MDB) para dar mais responsabilidade para os mesmos. Assim como ressalta que ambos eram partidos populares e que os militares em suas palavras “eram legais” e não esse “bicho feito” que se vende por aí. Logo, destaca que somente aqueles que buscavam fazer guerrilha foi quem e suas palavras “levou porrada” pois estavam agindo fora da lei, mas aqueles que cumpriam o dever legal não tinham nenhum problema com as forças armadas. Portanto, Rockefeller afirma que no seu entender, em Campos a experiência militar foi um processo tranquilo sem promover qualquer tipo de perseguição política. Por conseguinte, quando perguntado sobre a atuação do Partido Comunista Brasileiro (PCB) em Campos, Rockefeller afirmou que o mesmo era um partido de pouca expressão, uma vez que, os líderes que estavam a frente não tinham recursos para promover a mobilização, assim como não tinha o respaldo da linha editorial da imprensa local. Fazendo notar que o centro sindical mais atuante da época era o sindicato dos ferroviários da Leopoldina, tendo como figura de destaque Jarcy Barbeiro. Por fim, sobre a questão da ampliação do número de delegacias locais (noticiado pelo então Monitor Campista) o entrevistado afirmou que a única coisa que de fato houve foi uma melhor organização da polícia militar com o objetivo de poder proteger a população local.

Por outro lado, a entrevista de Geraldo Gamboa (1929 - 2016) parte de outro ponto de vista sobre o passado campista. A entrevista inicia com a apresentação de Geraldo Gomes, conhecido popularmente como “Geraldo Gamboa”, filho de Manoel Antônio Gomes e Maria da Glória Gomes, residente da cidade de Campos dos Goytacazes, na qual nasceu no dia 6 de janeiro de 1929, próximo ao Mercado Municipal da cidade. Ao longo da primeira parte da entrevista, Gamboa traça um panorama de sua vida, desde de sua infância muito pobre com mais seis irmãos. Situação essa de precária condição sócio-econômica, que Gamboa afirma ter tomado consciência logo em sua infância, ao observar que em sua casa, ele e seus irmãos tinham que dividir o

mesmo prato de comida para se alimentar. Assim, segundo Gamboa, ao enxergar a dura realidade em que vivia com seus pais, pois apesar de seus pais exercerem o ofício de alfaiate, sua rentabilidade era pequena. A rentabilidade só se dava de fato em um período de seis e seis meses a partir da demanda das usinas locais. Assim, aos 10 anos de idade, decide parar de estudar e começar a trabalhar para ajudar sua família. Em suas palavras afirmou:

(...) Achava um absurdo (o pai ter sete filhos). Aos 10 anos eu disse: papai eu não vou estudar mais não. Por que, Geraldo? O senhor fez um monte de filho, cada um comia dois em cada um prato, como eu vou aceitar a renda que tem. O senhor trabalha de 6 em 6 meses. Arranjei uma leiteria, a leiteria que eu arranjei justamente pagava o aluguel de onde ele (o pai) trabalhava. Eu pegava as 4, 5 horas da manhã, ia até 13, 14h e recomeçava no outro dia. Foram quase 2, 3 anos. Eu achei que aquele serviço dava pra mim, eu preciso de uma coisa melhor, farmácia, procurei daqui, onde eu morava e meu pai muda-se da alfaiataria e passava a trabalhar em casa e eu sai da alfaiataria e passei então trabalhar na farmácia. Devido serviço mais evoluído, mais limpo e lá até manipular remédio eu manipulei⁴.

Já aos 15 anos de idade, Gamboa na tentativa de alcançar uma melhor condição de vida, decide ir para o centro do Rio de Janeiro tentar a vida. Lugar esse que permaneceu até completar seus 17 anos trabalhando em uma alfaiataria no centro da cidade. Ainda neste ponto, com o avançar da entrevista, Gamboa relata que não quis em seu tempo de mocidade entrar no exército aos 17 anos e seguir carreira, algo que segundo ele só foi possível graças ao que classifica como “artimanha de um garoto levado”. Segundo Gamboa, ao fazer os exames para avaliar se estava apto ou não para entrar no exército, logo de imediato procurou uma forma de contornar sua afiliação

É exame ? É. E o que eu posso fazer para não servir ? Arranca os maxilares. Vocês (entrevistadores) sabiam disso ? Não. Então é novidade histórica. Os maxilares nas guerras passadas tinham que ter para arrancar o pino da bomba. Então eu fui e mandei arrancar o meu e fiquei paralisado⁵.

⁴ Entrevista cedida por Geraldo Gamboa em 16 de Dezembro de 2014 ao LAHPOC.

⁵ Entrevista cedida por Geraldo Gamboa em 16 de Dezembro de 2014 ao LAHPOC.

Assim, Gamboa passa a relatar sua relação com o samba e nunca teve a pretensão de ser artista. Mas com a morte do seu pai aos 17 anos percebeu que tinha que ajudar a mãe. Logo, Gamboa irá retornar do Centro do Rio de Janeiro para Campos. E passa a receber apoio do amigo de seu pai que havia aprendido o ofício de Alfaiate com ele.

O elemento que aprendeu com meu pai alguma coisa começou a me dar apoio aqui. Então, quando eu vim do Rio, eu vim e encontrei o apoio dele que tinha sido, vamos dizer, aprendiz do meu pai. Dele quem ? do amigo que aparou a minha pessoa, porque antes ele tinha sido amparado pelo meu pai. Meu pai deu cobertura a ele. Quem é esse amigo ? Dino Alves da Silva, um alfaiate que tem aqui e eu comecei a me prestigiar no serviço que ele me deu⁶

Já em relação à música, Gamboa afirma como que a experiência que teve em sua vivência no Rio de Janeiro contribui de forma significativa ao promover um horizonte maior em relação ao samba, o que foi ao encontro da visão que já tinha de progresso. Então, assim que voltou para Campos, logo procurou se envolver com a cena que aqui estava acontecendo.

De uma ora pra outra desapareceu o samba de Campos, porque adoeceu. Não existe escola de samba, não. Existe aí um amontoado de sacrificados. E naquela época existia ? Melhor. As coisas começaram nas comunidades. Era um recanto de gente humilde, de gente simples, é por isso que surgia ali⁷.

Logo, Gamboa mostra seu pesar ao perceber como a cena do samba está acabando, porque justamente nos bairros em que se mantinha as sociedades estão enfraquecendo. Embora afirme que continua colaborando como pode quando é chamado para dar ajuda devido a sua visão socialista de mundo.

⁶ Entrevista cedida por Geraldo Gamboa em 16 de Dezembro de 2014 ao LAHPOC.

⁷ Entrevista cedida por Geraldo Gamboa em 16 de Dezembro de 2014 ao LAHPOC.

Devido a minha visão socialista eu ia fazer por amor à sociedade. Então eu fiz por toda a vida por amor. Só que eu não pensei em viver e visualizar a condição do capital. Porque o capital que dá. Hoje eu estou tão pobre que um cara fez uma gravação aqui, um pedido de ajuda, coisa que eu nunca fiz por orgulho comunista. Eu nunca pedi ajuda, não por maldade nem por vaidade. Mas o cara veio aqui colocou televisão e escancarou, eu no hospital como estou até agora sem condições de ajuda que não tive⁸.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das páginas que se seguem, o presente trabalho buscou demonstrar de forma clara, precisa e objetiva a questão norteadora de seu objeto de pesquisa, isto é, a análise e o exame através de uma série de entrevistas realizadas com os partícipes da história do período que antecedeu o golpe civil militar e a ditadura em Campos dos Goytacazes. Assim, ao analisar as entrevistas realizadas por figuras como Geraldo Gamboa, Rockefeller Felisberto de Lima, Tania Barbeto, Delso Gomes entre outros, pode-se perceber que o ato ou efeito do exercício teórico e metodológico de rememoração demonstrou como as memórias subterrâneas refletem um passado que estava em disputa. Um passado em disputa por setores da sociedade civil e da classe trabalhadora reivindicando seus direitos formais e constitucionais em meio a um tempo e uma realidade marcada pela opressão, perseguição e pela violência. Os partícipes da história de Campos dos Goytacazes que foram entrevistados demonstraram como seu olhar ao passado em grande medida foi mediado pela disputa de interesses que estava posta. Seja por aqueles mais aliados aos interesses da classe trabalhadora local, seja por aqueles mais aliados aos interesses formais do estado. O que de fato havia neste cenário político era aquilo que o autor Gramsci (2004) entende como um projeto de classe, isto é, uma ação de classe hegemônica que se sobrepõem sobre as demais. Segundo Gramsci (2004) a hegemonia é disputada continuamente e quando um determinado grupo ou fração de classe toma o poder político, ao chegar no poder e assumir sua direção, irá estabelecer reformas no sentido de garantir e consolidar a construção da hegemonia.

⁸ Entrevista cedida por Geraldo Gamboa em 16 de Dezembro de 2014 ao LAHPOC.

Hegemonia essa, que se sustenta através da coerção e do consenso como duas faces do centauro maquiavélico e que compreende uma construção cultural ideológica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, V.; FERREIRA, M. M.; FERNANDES, T. M. História oral: **desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000, v. 1. 201 p

ANDRADE, Débora El-Jaick. Disputa de memorias y la historiografía sobre el golpe de 1964 en Brasil,. HISTORIA (SANTIAGO.IMPRESA). , **v.1, p.203 - 226, 2018.**

ANSART, Pierre. **História e Memória dos Ressentimentos**. In: BRESCIANI, Stela; CONCEIÇÃO JÚNIOR, Carlos Augusto da. **Geraldo Gamboa: Samba e resistência** conclusão de final de curso.História, Campos dos Goytacazes, Universidade Federal Fluminense, 2017.

NAXARA, Márcia (orgs.).Memória e (res)sentimento : **indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

BENJAMIN, Walter. **Teses sobre a filosofias da história**.In:Magia e Técnica, arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas E Vol. I).

DREYFUSS, René Armand. 1964: **a conquista do Estado**. Petrópolis: Vozes, 1984.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004

GOMES, Delso. **História do Partido Comunista em Campos**: Memórias de um Partido Revolucionário. Campos, Rio de Janeiro: Jornal Dois Estados Gráfica e Editora, 2000.

GOMES, Juliana Azevedo. **Nas cinzas de Cambaíba**. Trabalho de conclusão de final de curso. História,Campos dos Goytacazes, Universidade Federal Fluminense 2016.

GORENDER, Jacob. **Combate nas trevas**. São Paulo: Ática, 1987.

FICO, Carlos, Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar. Rio de Janeiro: Record, 2004.

- LABORIE, Pierre. **Memória e Opinião** in AZEVEDO, Cecília; ROLLEMBERG, Denise; BICALHO, Maria Fernanda; KNAUSS, Paulo; QUADRAT, Samantha (orgs.), Cultura política, memória e historiografia. FGV Editora, 2009, pp. 79-87.
- FERREIRA, Marieta e AMADO, Janaína. Usos e Abusos da História Oral. RJ, FGV, 1996.
- MATTOS Badaró. O governo João Goulart: novos rumos da produção historiográfica. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 28, no 55, p.245-263 – 2008.
- MEIHY, José Carlos Sebe, HOLANDA, Fabíola. **História Oral. Como fazer, como pensar.** São Paulo, Editora Contexto, 2007.
- NUNES, Laís. Organização e repercussão da atuação dos militantes comunistas em Campos (1928-1964) Revista Mundo Livre, Campos dos Goytacazes, **v. 4, n. 2, p. 67-82, ago/dez 2018**
- PEREIRA, Maria Ligia Leite. **“Algumas reflexões sobre histórias de vidas, biografias e autobiografias”**. In: História Oral – Revista da Associação Brasileira de História Oral, 3, 200, p. 117-27
- POLLAK, Michael y Nathalie Heinich, 2006. “El testimonio” in: CATELA, Ludmila (org). **Memoria, olvido, silencio.** La Plata: Ediciones Al Margen, 2006.
- _____. **“Memória, esquecimento e silêncio”**. In: Estudos Históricos, no 3, Rio de Janeiro, 1989.
- PORTELLI, Alessandro. **A filosofia e os fatos.** Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, nº. 2, 1996, p. 59-72.
- QUADRAT, Samantha. **Batalhas pela justiça e pela memória.** In: ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005.
- RIDENTI, Marcelo. **O fantasma da Revolução brasileira.** São Paulo: UNESP, 1993.

TODOROV, Tzvetan. **Les abus de la mémoire**. Paris: Arléa, 1995

TRAVERSO, Enzo. **O passado, modos de usar**. Lisboa: Edições Unipop, 2012.